

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O homem que odiava a segunda-feira*. São Paulo, Global, 1999.

KAFKA NOS TRÓPICOS

Rita Couto*

*Mestre em Semiótica da Literatura (PUC-SP) e professora de Teoria Literária da UNINOVE e UNICAPITAL.

Reforçando sua veia kafkiana que metaforiza o absurdo da realidade, como o fez em *Não verás pais nenhum, Zero e O Homem que espalhou o deserto*, Ignácio de Loyola Brandão retorna com mais uma inquietante obra: são cinco contos reunidos no livro *O homem que odiava a segunda-feira*.

Natural de Araraquara, nascido em 1936, Inácio atualmente é diretor de redação da revista *Vogue* e autor de uma coluna publicada todos os domingos no caderno Cidades, do jornal *O Estado de S. Paulo*, confirmando a importância de sua carreira jornalística na formação de grande escritor. Suas experiências em Berlim, nos meados dos anos 80, estão registradas em *O verde violentou o muro*, que obteve recentemente uma reedição ampliada.

Atento às questões contemporâneas, crítico perspicaz e observador incansável, Ignácio constrói sua obra como alguém que percebe o mundo além do que está sendo mostrado. Sem meias-palavras, cria seus personagens à semelhança dos seres humanos, de

qualquer ser humano. Ninguém em especial; melhor dizendo, simplesmente anônimos.

A temática da solidão no mundo contemporâneo é uma constante em sua obra e é reforçada em *O homem que odiava a segunda-feira*.

Num mundo em que todos querem ser famosos, o escritor tematiza o anonimato. E refaz a pergunta: Para onde estamos correndo tanto? Para que tanta pressa? Aonde queremos chegar? Bem sabe o escritor onde pode parar essa corrida, principalmente ele que repensou a vida e mudou de hábitos após sofrer um aneurisma cerebral, experiência registrada em *Veia bailarina*, de 1997.

Num estilo seco e sem melodramas, Inácio vai registrando o absurdo que é a realidade. Ao lermos esses contos temos a sensação de estarmos diante de cinco histórias absurdas, surrealistas. Mas assim que vamos concluindo cada uma delas, nos damos conta de que absurda e surrealista é a realidade, com sua violência, miséria, tristeza, pobreza.

Seus contos vão nos enredando, como uma hera envolvendo uma cerca, e queremos saber onde tudo vai dar, como vão terminar as histórias. Todos eles nos fazem refletir (até com certa dose de humor) sobre o nosso cotidiano, nosso dia a dia, e nos lembra que, não fosse a literatura e a arte, não escaparíamos da mediocridade entediante, que nos leva da casa para o trabalho, do trabalho para casa, como afirma o personagem do conto “A mão perdida na caixa do correio”: “A maioria passa o dia assim; daí a nebulosidade do cotidiano, a sensação de que todos vivem semicerrados ou hipnotizados, trabalhando e vivendo sem emoções.”(p. 30)

Nesses contos, as pessoas retratadas são pessoas comuns. Mas algo de insólito acontece com cada uma delas, e é exatamente esse acontecimento que gera o que Cortázar denominava “ruptura do cotidiano”. A partir desse momento, não conseguimos mais nos desgrudar da história e temos de ir em frente, de uma só vez, de um só gole.

Os personagens dos contos são aqueles que vemos nos prédios enquanto andamos de carro, sem estarmos dirigindo. É como trafegar pelo minhocão e ver algumas daquelas janelas que tentam, em vão, manter a privacidade dos moradores.

No primeiro conto está retratada a solidão da cidade grande entupida de gente. Solidão num grau absurdo de isolamento, em que as pessoas não conseguem manter o mínimo de comunicação. Nele, o protagonista conversa com uma formiga.

– E se você aprendesse a falar? Gostaria?
A formiga fez que sim.
– Precisamos de tempo.
Bobagem, ela devia ter todo o tempo do mundo (p. 18)

Em “A mão perdida na caixa do correio” Ignácio mostra o absurdo das repartições públicas e o descaso com as pessoas que precisam delas. Aqui o autor retrata ironicamente os órgãos públicos: justiça, educação, saúde, segurança. Quem já não viveu a experiência de precisar dos serviços de uma repartição pública? Graças à veia artística do autor o conto adquire um tom de cômica dramaticidade:

– De lá me mandaram aqui.
– Pois vá à Expedição, no Chora Menino. Só a selecionadora pode resolver casos como o seu. Se deixarem, o senhor vai à “Seleção de Correspondência”. Na seleção vão constar que mão não é carta, volume, despacho expresso, e consultarão a chefia. Os computadores da selecionadora são

perfeitos, acabaram de chegar do Japão. Já foram adaptados para o alfabeto, os olhos, usos e costumes brasileiros. (p. 54)

No conto que leva o título do livro (o próprio autor admite que odeia a segunda-feira, mas quem é que gosta?), um homem quer acabar com este dia da semana. Na verdade, ele quer acabar com a escravidão do relógio, do cartão de ponto, com a rotina do cotidiano, com a mesmice da vida:

As segundas existiam a atemorizá-lo, deixando-o tenso, com suores e calafrios, dores nos músculos, visão embaçada e uma nevralgia que paralisava o lado direito do rosto... Os sintomas se iniciavam no Domingo à noite, ao ouvir a música do Fantástico, subindo das televisões de todos os apartamentos, ou quando Silvio Santos passava a gritar: Quem quer dinheiro?... (p. 68)

No quarto conto a própria incomunicabilidade é retratada.. Aqui, Ignácio radicaliza a questão da incompreensão. Na era das comunicações a ânsia em dizer algo é enorme, mas a de ouvir e compreender é bem mais reduzida:

- DrasGreijkjoiNvi.
- O quê?
- DrasGreijkjoiNvi
- O que significa isso?

- DrasGreijkjoiNvi.
- Que gracinha O senhor está brincando do quê? (p. 85)

...Como pode um homem, de um instante para outro, deixar de falar a própria língua e assimilar um palavreado não identificável? (p. 88)

Finalmente, em “As cores das bolinhas da morte”, um de seus contos mais intrigantes, Ignácio nos fala de um juiz que perdeu a sombra ao sair de casa, enquanto a procura vai levantando questões cruciais de nossa contemporaneidade: “Se eu soubesse, ao menos, o que estou procurando; o que todos estão buscando”. (p. 98)

Para reforçar sua visão da contemporaneidade, o autor liga sutilmente um conto ao outro assim como as notícias trágicas ligam as pessoas ao comentarem sobre elas: “– O que é estranho? O que nos assombra? Dia desses, caminhando pelos lados da estação Júlio Prestes, dei com um homem sem mão à beira de uma caixa do correio...” (p. 101)

Os personagens de seus contos trombam conosco pelas calçadas, trafegam pelas ruas, esbarram em nossos corpos; no entanto, na escrita de Ignácio, eles nos tiram da rotina. Por mais que já tenhamos nos tornado insensíveis à realidade, não dá para ficarmos insensíveis à maneira como o escritor conta seus contos.